



LUIS MARTINS

Cíntia Gil, Cinta Pelejà, Susana Sousa Dias e Ana Leonor Jordão

DocLisboa tem nova direcção formada por quatro mulheres

Festival de cinema
Sérgio C. Andrade

Chantal Akerman e novas secções dedicadas aos trabalhos de escolas e às novas narrativas estarão em destaque em Outubro

Primeiro os currículos: Susana Sousa Dias (Lisboa, 1962), licenciada em Pintura, professora na Faculdade de Belas Artes de Lisboa, realizadora (*Natureza Morta*, 48), membro da direcção da AporDoc e do júri de selecção do DocLisboa 2011; Ana Leonor Jordão (Lisboa, 1976), licenciada em Línguas Estrangeiras Aplicadas na Universidade Católica de Lisboa, produtora de teatro e cinema, colaboradora na AporDoc desde 2010; Cíntia Gil (Porto, 1979), licenciada em Filosofia na Universidade do Porto, produtora e professora de cinema, colaboradora do DocLisboa; Cinta Pelejà (Catalunha, 1984), licenciada em Comunicação Audiovisual pela Universidade Pompeu Fabra, Barcelona, produtora com estágio na *El Deseo* dos irmãos Almodóvar, programadora do DocLisboa. É esta a nova direcção do DocLisboa, que anteontem se apresentou numa conferência de imprensa que serviu também para dar a conhecer as linhas gerais da 10^a edição do festival, que vai ocorrer de 18 a 28 de Outubro.

A nova equipa sucede à brasileira Anna Glogowski, que esteve à frente do DocLisboa apenas um ano, e abandonou a direcção “por razões pessoais”. A justificação é confirmada ao PÚBLICO por Susana Sousa Dias: “A Anna vive em Paris, e é para ela uma gestão muito complicada dirigir o festival em Lisboa; mas vai continuar na nossa equipa.”

A documentarista de *Natureza Morta* recusa a ideia – e ri-se mesmo perante a questão – de que a nova direcção signifique a apropriação feminina do festival. “Esta foi uma

solução que surgiu naturalmente, quando percebemos que a Anna não podia continuar. Olhámos para dentro da equipa e decidimo-nos por uma direcção colegial. Foi também uma solução de continuidade com o trabalho feito”, diz Susana Sousa Dias, sublinhando a forma colectiva de trabalhar.

Ainda que em continuidade com a história do festival, a orientação da nova equipa significa também uma nova política. Passa pela abertura de novos espaços “para os jovens realizadores mostrarem os seus trabalhos”, sem terem de passar pelo crivo sempre apertado das secções competitivas, diz Sousa Dias, explicando que entrarão aqui, na secção *Verdes Anos*, os filmes produzidos nas escolas de cinema e comunicação.

Outra nova secção, *Cinema de Urgência*, quer abrir também o DocLisboa às novas modalidades do documentarismo e às narrativas cinematográficas alternativas. “Mostrar um cinema de acção é também um acto de cidadania”, diz Susana Sousa Dias, referindo-se a alguns casos concretos que marcaram os últimos tempos: a Primavera Árabe, a nível internacional, e a ocupação da Escola da Fontinha, no Porto, a nível nacional. Situações que desafiaram as pessoas a tornarem-se cineastas no exercício da sua cidadania.

Mantendo as secções competitivas e não competitivas habituais, a nova equipa do DocLisboa anunciou já que a retrospectiva principal do festival incidirá sobre a belga Chantal Akerman. “É uma realizadora inquestionável, cuja obra vai para além dos géneros cinematográficos convencionais, cruzando o documentarismo, a ficção e a arte contemporânea”, nota Susana Sousa Dias. Uma segunda retrospectiva, *United We Stand Divided We Fall*, será comissariada pelo italiano Federico Rossin e reúne filmes colectivos realizados nas décadas de 60 a 80 na sequência de momentos fortes de luta social e política, como o Maio de 68.